

A REFERENCIAÇÃO POR CAVALCANTE – SOBRE COISAS DITAS E A DIZER

REFERENCIALITY BY CAVALCANTE – ABOUT THINGS SAID AND YET TO BE SAID

Mayara Arruda Martins (UFC)¹

Maiara Sousa Soares (UFC)²

Eduardo Carvalho de Almeida (UFC)³

Resumo: Este trabalho é uma homenagem às contribuições da professora Mônica Magalhães Cavalcante para os estudos da referenciação, fenômeno da linguagem que examina como objetos de discurso, ou referentes, evoluem no texto e são construídos, em conjunto, pelos parceiros na interação. A referenciação, vista sob essa ótica, surge a partir do que foi proposto por Mondada (1994), orientada pela análise da conversação e da etnometodologia, mas foi apropriada e redimensionada pela Linguística Textual, por pesquisadores como Mônica Cavalcante e seus orientandos. Nesse sentido, nosso objetivo é tratar de alguns tópicos caros a essa grande linguista do texto, a saber: o fato de a referenciação ser uma categoria “guarda-chuva”, central nos estudos do texto, pois se relaciona aos demais critérios analíticos; as implicações de considerar os referentes como objetos de discurso e sua relação com o conceito de texto proposto por Cavalcante *et al.* (2019); a dêixis e sua relação com os demais processos referenciais, redimensionados por Cavalcante, desde a sua tese, e outros pesquisadores orientados por ela, como Martins (2019, 2024); as redes referenciais como pressuposto e os avanços nas análises textuais operados por elas. Ao longo do artigo, citamos pesquisas orientadas por Mônica como maneira de mostrar a coerência de sua proposta teórica e sua habilidade para orquestrar diferentes temáticas, todas convergentes para os estudos do texto. Por fim, de modo mais modesto, esperamos influenciar novas pesquisas baseadas no legado que nos deixou a professora Mônica em relação à referenciação.

Palavras- chave: referenciação; processos referenciais; anáfora; dêixis; redes referenciais.

Abstract: This work is an homage to the contributions of Professor Mônica Magalhães Cavalcante to the studies of referentiality, a linguistic phenomenon that examines how objects of discourse, or referents, evolve within the text and are collaboratively constructed by interlocutors during interaction. Referentiality, when viewed from this perspective, originates in the propositions of Mondada (1994), which are guided by conversation analysis and ethnomethodology, but were appropriated and reconceptualized within Textual Linguistics by researchers such as Mônica Cavalcante and her advisees. Accordingly, our objective is to address certain topics of paramount

¹ Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (DLV - UFC). Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin - UFC). Pesquisadora do grupo de pesquisa Prottexto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5673-0780>. E-mail: mayaramartins@ufc.br

² Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Membro e pesquisadora do grupo de pesquisa Prottexto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1813-7964>. E-mail: maiarasoaesce@gmail.com

³ Editor de livros didáticos. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7439-6912>. E-mail: eduardoalmeidac@gmail.com

importance to this eminent text linguist, namely: the status of referentiality as an “umbrella” category, central to textual studies due to its interrelation with other analytical criteria; the implications of considering referents as objects of discourse and their correlation with the concept of text as proposed by Cavalcante et al. (2019); deixis and its interconnection with other referential processes, reconceptualized by Cavalcante and her research team, such as Martins (2019, 2024); and referential networks as a foundational construct, driving advancements in textual analysis. Throughout the article, we reference research supervised by Mônica as a means of illustrating the coherence of her theoretical framework and her capacity to synthesize diverse themes, all converging toward the domain of textual studies. Finally, with due humility, we aspire to inspire future research grounded in the legacy of Professor Mônica regarding referentiality.

Keywords: referentiality; referential processes; anaphore; deixis; referential networks.

Considerações iniciais

Neste artigo, curvamo-nos à trajetória de estudos, publicações e orientações de Mônica Cavalcante acerca da referenciação. Além de ter como objetivo homenagear a pesquisadora voraz e docente dedicada que partiu tão precocemente, lançamos luz à seriedade das suas investigações sobre o texto e sobre a referenciação como uma categoria analítica fértil. Mônica semeou, cultivou e fez florescer pesquisas com publicações e palestras que ultrapassaram as fronteiras do Ceará, marcando o lugar da referenciação no Brasil e no exterior.

Em seus 35 anos como docente da Universidade Federal do Ceará, Mônica Cavalcante publicou clássicos da linguística textual e dos estudos sobre a referenciação. Entre eles, têm-se: *Referenciação* (2003) – uma coletânea organizada por Cavalcante, Biasi-Rodrigues e Ciulla de traduções de textos seminais sobre o tema, que possibilitaram ao leitor brasileiro entrar em contato com estudos ainda não traduzidos à época –, *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas* (2011), *Os sentidos do texto* (2011) e *Coerência, referenciação e ensino* (2014), este em parceria com Mariza Brito e Valdinar Custódio Filho. Essas obras são indispensáveis às ementas de disciplinas como Texto e Discurso e Linguística do Texto. A essas obras, junta-se a publicação da obra *Linguística Textual: conceitos e aplicações* (Cavalcante et al., 2022), homenageando 20 anos do grupo de pesquisa Protexto, o qual foi feito a muitas mãos e mentes.

Em meados de 2023, alguns membros do Protexto foram adicionados a um grupo de *WhatsApp* cuja empreitada era reeditar o livro *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Um dos títulos mencionados no grupo foi “Referenciação – as novas coisas ditas”. Dali em diante, as breves discussões mobilizadas por Mônica Cavalcante se resumiram à proposta de revisitar os trabalhos de Ciulla (2008), Brito (2010), Custódio Filho (2011), Matos (2018), Soares (2018), Martins (2019, 2024), Oliveira (2020) e Almeida (2023), considerando as contribuições dos autores e de outros que investiram na referenciação “como um dos critérios frutíferos da linguística textual” (Cavalcante, 2024, p. 296).

O desejo de Mônica pela reedição do livro canônico sobre a Referenciação ainda não se concretizou, o que nos fez enveredar, neste artigo, por caminhos similares, com o objetivo de traçar um panorama acerca dos principais conceitos que cercam essa categoria textual observando as contribuições de Mônica Cavalcante, bem como estudos contemporâneos de pesquisadores orientados por ela, sem perder de vista o alicerce teórico que a envolve, além de levantar questões considerando os trabalhos que tomam a referenciação como categoria analítica nos processos metodológicos.

Este artigo, então, resgata os estudos empreendidos por Cavalcante e seus orientandos acerca do fenômeno da referenciação. Não se pretende apenas fazer um apanhado bibliográfico das publicações, mas também trazer reflexões que levem a novos investimentos e pesquisas, assim como fez Cavalcante em sua trajetória de toda uma vida dedicada “à ciência, por tudo que ela engendra” (Cavalcante, 2000, p. 7), como afirma na dedicatória de sua tese sobre dêixis.

1 Sobre a referenciação como categoria “guarda-chuva” às análises da linguística textual

Os estudos em referenciação, a contar das publicações das teses de Mondada (1994) e pesquisas desenvolvidas por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), alcançam três décadas. Sob a ótica de uma Linguística Textual, entre trabalhos orientados, livros, palestras, eventos e artigos publicados, Mônica Cavalcante investiu vasto tempo e esforço durante seu doutorado, com sua tese defendida em 2000, cujo título foi *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*.

Mônica marcou o lugar dos estudos sobre referenciação, fortalecidos pelas pesquisas de membros do seu grupo de pesquisa, o Protexto, os quais devemos citar no curso deste capítulo. O que se segue é, então, um panorama sobre alguns conceitos da referenciação a partir de uma curadoria de livros, artigos, capítulos, teses e dissertações cuja leitura é indispensável à compreensão dessa categoria de análise e suas nuances.

Ao investigar a referenciação como um fenômeno dinâmico, negociável e subjetivo, Cavalcante a considera atrelada à interação, o que a fez concordar com as investigações de Mondada (1994), pois há um redimensionamento da compreensão que se tinha sobre “referência” para o uso do termo *referenciação* – com foco no sufixo *-ação* –, dando luz ao aspecto necessariamente interacional, e não representacional ou de nominalização das coisas do mundo. Para Cavalcante (2024), a referenciação é o fenômeno de (re)construção dos referentes discursivamente, o que não pode inclusive ser concebido como pré-textual ou fora do texto. Fora do texto não há referenciação, e só há texto pela possibilidade de construir referentes.

Por essa razão, podemos afirmar que a compreensão do fenômeno da referenciação se dá pela sua aproximação da própria noção de texto, que, para a linguista, se define como um enunciado, um evento singular, único e irrepetível, o qual acontece associado sempre a um gênero (Cavalcante, *et al.*, 2019). Consequentemente, em todo texto, há a construção de objetos de discurso, o que fez Cavalcante afirmar, em apresentações, aulas e obras, que “A referenciação é provavelmente o critério mais central e mais profícuo da linguística textual, porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto.” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 270). Nesse sentido, a referenciação, para Cavalcante (2024), viabiliza a relação com o circuito comunicativo, o campo dêitico, o gênero, a argumentação, o tópico discursivo, a intertextualidade, entre outros critérios utilizados nas análises textuais.

2 Sobre conceitos-chave da referenciação

A seguir, retomamos as noções de objeto de discurso, de dêixis, de processos referenciais, de recategorização e de redes referenciais porque entendemos que esses são os principais conceitos que cercam o amplo fenômeno da referenciação como categoria analítica da Linguística Textual que perpassa todos os demais critérios e está no cerne da construção textual.

2.1 O conceito de objeto de discurso

Referente(s) ou objeto(s) de discurso: esse é o principal conceito que se evidencia quando estudamos a referenciação. Afastando-se da noção de espelhamento da linguagem ou “etiquetagem das coisas”, os “objetos”, para Cavalcante (2024, p. 284, *grifo nosso*), os referentes

não correspondem às próprias entidades do mundo apartadas da linguagem, nem às coisas representadas na mente dos indivíduos. Objetos também não significam “coisas materiais inanimadas”: na verdade, podem abarcar qualquer assunto evocado no texto. *Objetos* são tudo aquilo de que se trata no texto, tudo o que é nele tematizado e o que se relaciona indiretamente com o que é ali focalizado, mas não já dado como pronto para a interpretação, porque *objetos* não são assuntos que preexistem ao texto. O que é objeto de um texto, seja para centralizar um tópico, seja para ancorá-lo, é coconstruído, perspectivado nas relações intersubjetivas que se realizam na interação.

Esses “objetos de texto”, como afirma Cavalcante, podem ser mais evidentes pelas expressões referenciais na superfície do texto ou por outros sistemas semióticos (aspectos visuais, sonoros ou gestuais); podem ainda ser mais implícitos e inferidos a partir das mídias pelas quais o texto é suportado, bem como pelas ferramentas tecnológicas que os envolvem. Os objetos são coconstruídos pelos interlocutores na interação face a face ou por meio de mídias digitais, como os comentários do Instagram, as reações (curtidas, envios e compartilhamentos) no X (antes, *Twitter*) ou por interações no *WhatsApp*. Vejamos um exemplo em que se pode perceber a construção de objetos de discurso a partir de uma mensagem enviada em um grupo de *WhatsApp*.

Figura 1 – Mensagem de WhatsApp com um trecho da “croniqueta” de Mônica para Hellenson



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Essa mensagem foi enviada por Mônica, em 4 de setembro de 2023, no grupo de WhatsApp “Assuntos aleatórios” com alguns membros do grupo de pesquisa Prottexto. Os grupos de WhatsApp se caracterizam por sua natureza privada e por serem nomeados, muitas vezes, de forma inusitada. Essa mensagem que, na verdade, se configura no gênero crônica, ou “croniqueta”, apresenta uma narrativa cômica sobre o planejamento de uma formação a ser ministrada pela própria Mônica e outros membros do Prottexto para professores da Prefeitura de Fortaleza.

Como se dá então essa coconstrução referencial defendida por Cavalcante? Nesse exemplo, alguns objetos de discurso podem ser percebidos, como os referentes *inimigo*, *Hellenson*, *vida*, *Fábio Júnior*, *Universidade*, “*oiças*”, *Suelene* e muitos outros. Tais referentes emergem por pistas no texto, como as expressões referenciais, que fazem parte do cotexto/superfície textual. Há outros referentes que podem ser inferidos, como a música *20 e poucos anos*, de Fábio Júnior, quando Mônica, sendo ela também um objeto de discurso nesta interação, narra a perspicácia de Hellenson, à época seu orientando de Iniciação Científica, que, mesmo tendo pouca idade, busca sempre conhecer mais sobre as situações e resolvê-las prontamente.

Nada é dispensável para a coconstrução dos referentes, ou seja, não se trata, por exemplo, apenas de entidades substantivas, mas quaisquer pistas colaboram para a negociação dos sentidos. Isso corrobora o pensamento de Cavalcante e Martins (2020, p. 4) de que “todos os objetos de discurso só são (re) construídos na integração de saberes culturalmente compartilhados”, o que se

comprova com o referente “canção 20 e poucos anos” de Fábio Júnior, lançada em 1979, ou o uso da palavra “oiças” para se referir aos ouvidos atentos do bolsista no diálogo que ela estabelece com o referente Suelene, informações confirmadas pelas pistas do texto e evocadas por elementos que podem não ser conhecidos por todos os interlocutores que estão interagindo com o texto.

Esses objetos de discurso e outros objetos do texto não são dados de forma apriorística ou pré-moldados para apenas nomear objetos ou coisas, mas são introduzidos e modificados à medida que novas informações são acrescentadas. Quanto à necessidade de construção conjunta dos referentes, remontamos às reflexões feitas por Cavalcante (2024, p. 286) ao afirmar que, conforme a tese de Mondada (1994), “o objeto de discurso emerge de contribuições cooperativas dos interlocutores e se completa progressivamente na interação”. Ora, para os integrantes do grupo de WhatsApp, por exemplo, aqueles personagens da crônica já eram familiares, o que contribui para essa “cognição distribuída”, como preveem Cavalcante, Brito e Martins (2024a, p. 78) e Cavalcante (2024, p. 284).

2.2 A dêixis em relação aos demais processos referenciais

Os processos referenciais foram amplamente explorados por Cavalcante, não por serem o único modo de evidenciarem os

referentes no texto, mas por serem tradicionalmente o lugar de destaque em análises textuais. A teórica organiza os processos referenciais em três tipos: introdução referencial, anáforas e dêixis já na publicação de *Os sentidos do texto* (Cavalcante, 2011), embora avanços tenham surgido no escopo de suas publicações e orientações. A introdução referencial é o processo responsável pela abertura de determinado objeto de discurso no texto, enquanto a anáfora é o fenômeno responsável pela manutenção e pela evolução dos objetos de discurso já introduzidos no espaço textual. Sendo um deles a apresentação dos referentes, e o outro a retomada, os trabalhos de Cavalcante (2011, 2012) e de seus orientandos atentam para a necessária oposição entre esses dois processos. O processo da dêixis, por sua vez, é manifestado por critérios distintos dos de introdução e manutenção e, por isso, será melhor caracterizado adiante.

De modo a disponibilizar a subdivisão desses três grandes processos de modo mais didático, apresentamos o quadro-síntese formulado por Cavalcante e Martins (2020), que se propuseram a retomar alguns dos estudos de referenciação até o momento da publicação (2020) a fim de demonstrar o funcionamento dos processos referenciais e de que modo eles se articulam:

Figura 2 – Quadro-síntese dos processos referenciais

Os processos referenciais	
Introdução referencial Inauguração de referente.	Anáforas/Recategorização Retomada de referente, sempre evoluindo, recategorizando-se. vs. <ul style="list-style-type: none"> • Direta (pela correferencialidade); • Indireta (pela não correferencialidade – referente novo recuperado pelo contexto); • Encapsuladora (pela sintetização de um referente difusamente apresentado por proposições).
Dêixis Introdução ou retomada de um referente situado em relação à origo, ressaltando-o para o interlocutor. <ul style="list-style-type: none"> • Pessoal (por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada); • Social (por indicar as relações entre os participantes da situação enunciativa, revelando graus de formalidade e informalidade, estratégias de polidez, além de papéis sociais e estereótipos culturais que eles assumem); • Espacial (por apontar para determinados referentes espacialmente situados, tomando o locutor como ponto de origem); • Temporal (por indicar aspectos temporais pressupondo o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação); • Textual (por orientar cotextualmente, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaço-temporal); • Memorial (por fornecer base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores); • Fictiva (por orientar espacialmente, a partir da transposição do ponto de origem, seja em uma situação física, seja fictiva); • Modal (por englobar modos indicados por comportamentos de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou outras sensações que apelem para os sentidos). 	

Fonte: Cavalcante; Martins (2020, p. 244).

Nesse quadro, as autoras apresentam a configuração geral dos processos referenciais, categorizando-os e os conceituando de modo esquemático. Porém, reforçamos já com Cavalcante e Martins (2020, p. 245) que os estudos referenciais não poderiam estar apenas atrelados à identificação e à categorização de formas linguísticas no texto e que tais processos não se dão de modo estanque, mas em uma dinâmica de idas e vindas na construção da coerência, o que faz com que múltiplos referentes possam surgir e se modificar no texto por meio de múltiplos sistemas semióticos e múltiplos conhecimentos convocados na interação que vão além das expressões referenciais. Nesse direcionamento, as autoras enfatizam, já em 2020, o aspecto amplo que envolve os processos referenciais, aquele que levaria Cavalcante em 2024 a afirmar a referenciação como o critério central da Linguística Textual, visto que esses três grandes processos operam como:

estratégias argumentativas que buscam atender às tentativas de influência do locutor sobre o interlocutor (e, quando for o caso, sobre o participante indireto da interação). A referenciação consta entre as principais estratégias de orientação

argumentativa de um texto. Com base em Amossy (2017), entendemos que, em todo texto, há uma dimensão argumentativa, já que pressupõe um sujeito que atende às coerções sociais e discursivas, mas é intencional e tem livre arbítrio para tentar exercer influência sobre o outro. Para isso, o locutor, supondo-se dono de seu dizer, mobiliza determinadas estratégias argumentativas, bem-sucedidas ou não, que requerem várias escolhas, dentre elas a dos processos referenciais, os quais, articulando todos os referentes em rede, permitem (re)construir a coerência textual.

Retomamos esse quadro também para analisar que, de modo muito evidente, as autoras convocam a proposta de Martins (2019) ao apresentar a oposição (percebe-se por meio do “vs.”) entre a introdução referencial e as anáforas, enquanto a dêixis, note-se, não se opõe a nenhum dos dois demais processos. Isso acontece porque, consoante Martins (2019, p. 243), às “funções de introduzir ou de retomar objetos de discurso, podem somar-se as funções dêiticas de ostensão (para chamar a atenção do interlocutor) e de subjetividade (para situar os referentes a partir do ponto de origem do locutor).”

Desse modo, percebe-se a saliência da dêixis em relação aos aspectos contextuais, sem perder de vista a possibilidade de sobreposição entre a dêixis e as introduções referenciais e anáforas, o que fez com que Cavalcante (2000) iniciasse as investigações sobre elementos ao mesmo tempo dêiticos e anafóricos, sendo seguida em seus estudos por orientandas como Ciulla (2008) e Martins (2019, 2024).

Além de se debruçarem sobre os estudos dos tipos dêiticos, suas funções discursivas, e suas relações com os demais processos referenciais para a construção de sentidos, Alena Ciulla e Mayara Martins, incentivadas por Mônica Cavalcante, refletiram sobre a complexidade do fenômeno nos mais diversos textos, indo desde os estudos literários (Ciulla, 2008) aos estudos digitais (Martins, 2024), sem deixar de prestar a devida atenção aos gêneros orais (Cavalcante, 2000).

Se, em parte, o hibridismo da dêixis havia sido objeto de estudo de trabalhos como Cavalcante (2000, 2011) e Ciulla (2002, 2008), que demonstraram haver traços que diferenciam a dêixis e a anáfora, e, conseqüentemente, apresentam funções textual-discursivas distintas, Martins (2019) apresenta uma retomada dos estudos dêiticos para enfatizar a distinção por critérios da dêixis e dos tipos dêiticos em relação aos demais processos referenciais, relacionando-os a aspectos ainda mais gerais e basilares nos estudos textuais e atentando para os diversos efeitos de sentidos deles. Afirma a autora:

neste trabalho, assumimos a posição de que um dêitico ou funciona como introdução referencial ou como anáfora. Não vislumbramos a possibilidade de ele ser outra coisa além disso. Por isso, afirmamos que toda forma dêitica “é”, e não “pode ser”, uma introdução referencial ou anáfora. Os dêiticos são capazes de ora inaugurar referentes no texto, ora retomarem referentes já apresentados. Já o contrário não é válido, uma vez que nem todas as introduções referenciais e anáforas cumpre função dêitica. (Martins, 2019, p. 69)

No exemplo da crônica (Figura 1), o sintagma “essa proposta”, além de se configurar como uma anáfora encapsuladora, por recuperar certa porção textual, também se caracteriza por sua função dêitica. A recuperação do objeto de discurso nesse caso é, simultaneamente, apontada pelo demonstrativo, inerentemente dêitico, pois situa a menção ao referente já dito antes no texto e focaliza a proposta de que se fala, e construída por um elemento simultaneamente anafórico que, neste caso, não apenas retoma, mas também encapsula.

A dêixis, assim, é um processo referencial que perpassa os outros dois e se caracteriza por um critério diferente. Para Martins (2019, p. 59), todos os oito tipos dêiticos elencados na dissertação de revisão bibliográfica sobre o fenômeno “consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais em dado tipo de interação”, o que leva a autora a afirmar “que a *origo* seja o fator principal para que haja dêixis.” (Martins, 2019, p. 37).

Ora, e o que vem a ser a *origo*? Que relevância isso tem para os estudos textuais? De que modo isso impacta a referenciação e, conseqüentemente, os sentidos construídos em contexto? O leitor deste artigo pode se questionar por que razão aprofundamos a dêixis em relação aos demais processos referenciais no título desta subseção e já começamos a discussão com o quadro geral dos processos. Certamente, poderíamos explicar nossas motivações a partir do que preconiza Cavalcante (2011, p. 53):

todo processo referencial envolve um componente dêitico, já que aponta para pistas vindas do espaço e do tempo real em que se situam os enunciadores, do cotexto, da memória compartilhada, das supostas intenções enunciativas de cada um e do contexto sócio-histórico do momento, todas colaborando, ao mesmo tempo, para que os referentes se configurem na mente dos participantes da enunciação.

Esse componente dêitico, subjacente a toda interação, foi reformulado para incorporar o campo dêitico como comprova a tese de Martins (2024), orientada por Mônica Cavalcante. A autora, que defendeu o hibridismo intrínseco ao fenômeno dêitico em sua dissertação (Martins, 2024) e a necessidade de instauração de uma *origo* para que tal processo ocorra, relaciona a dêixis ao próprio acontecimento textual em sua tese, e não apenas ao processo estrito em si, pois, para a autora, “todo texto (digital ou não) corresponde ao menos a um campo dêitico, visto que toda interação acontece em um dado eu-aqui-agora” (Martins, 2024, p. 95).

Os estudos da dêixis são, dessa forma, alçados a um patamar que a considera como sendo fundamental para o próprio funcionamento do texto, levando-a a reafirmar seu princípio enunciativo e interacional, além de toda a relação com o contexto amplo convocado pelo campo dêitico (Hanks, 2008) ou pelo campo dêitico digital (Martins, 2024), pois, para Martins (2019, 2024), ao interagir, os interlocutores não apenas estabelecem uma relação eu-tu meramente fática. Pelo contrário, à medida que esses interlocutores interagem, também assumem papéis sociais e identidades adaptáveis ao circuito comunicativo, sejam esses interlocutores humanos ou não. Diz a autora: “Se os textos sempre correspondem a uma interação entre um eu e um tu (e prováveis terceiros), estruturam-se de acordo com as práticas por meio de gêneros, eles, necessariamente, acontecem por meio do cenário dêitico criado nos circuitos comunicativos” (Martins, 2024, p. 124).

Perceba-se a dêixis nos fundamentos do texto tanto no exemplo anteriormente apresentado, o da crônica, quanto no exemplo do vídeo, que será demonstrado posteriormente (Figura 3): o texto só acontece no momento em que alguém decide tomar a palavra, instaurando-se como primeira pessoa ao assumir o papel de *eu*, e convocar interlocutores diretos (o *tu* instaurado) ou indiretos (o *Terceiro*). Isso pode aparecer de modo mais pessoal (como “Mônica”, no caso da crônica) ou de modo mais institucionalizado (como “Programa de Pós-Graduação em Letras PPGL - UFMA”, no caso do vídeo indicado pela figura 3). A essa gama de sentidos convocados, inicialmente, pelas projeções que os locutores primeiros fazem dos interlocutores e do provável Terceiro, se agregam as negociações que vão se construindo nas interações.

2.3 O fenômeno da recategorização

Um dos principais avanços feitos por Cavalcante, em mais uma parceria com Brito, no estudo dos processos referenciais foi considerar que a recategorização não é um tipo de processo como são a introdução, a anáfora e a dêixis, mas é uma condição inerente a todas as anáforas (Cavalcante; Brito, 2016). As autoras partem do pressuposto de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995 *apud* Cavalcante; Brito, 2016) de que, por definição, todo referente muda no texto, na medida em que seu estatuto informacional se modifica na memória discursiva dos interlocutores. No entanto, criticam o fato de que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) considerem fundamentalmente, nas análises, apenas as designações lexicais e as tentativas de escolher as formas lexicais mais apropriadas para as estratégias de persuasão em cada texto.

Para Cavalcante e Brito (2016), os referentes podem se explicitar por um conjunto de diferentes formas semióticas, e sua modificação não se restringe a formas lexicais. O redimensionamento da recategorização nos estudos de linguística textual é justificado pela seguinte passagem:

Se nos é cara a ideia de que o referente, como objeto de discurso, se representa na mente dos interlocutores à medida que o texto, como enunciado, vai acontecendo na enunciação, e se o processo sociocognitivo-discursivo da referenciação considera o plano de dizer dos interlocutores e a representação de seus modelos de experiência, então não seria coerente descrever as recategorizações apenas por formalizações lexicais (Cavalcante; Brito, 2016, p. 120).

Esse estudo de 2016 também consagra a distinção entre as funções dos processos referenciais, avançando em relação à proposta de Custódio Filho (2011): a) a função de apresentação do referente, operada pelas introduções; b) e a função de retomada recategorizadora, natural de todas as anáforas, subdividida nas funções de manutenção e de progressão referencial – as quais, em verdade, são concomitantes no texto (Cavalcante, 2022). Assim, caem por terra tanto os debates sobre a introdução ser recategorizadora quanto sobre não haver limites claros entre introduções e anáforas (indiretas), pelo menos do ponto de vista metodológico, pois deve-se partir do conceito de texto como unidade de comunicação efetivamente produzida, com início, meio e fim (apesar de, a depender da interação, ser difícil estabelecer esses limites), e é preciso discretizar os fenômenos referenciais para que seja possível falar sobre eles.

Sob as reflexões acerca da recategorização, a dissertação de Soares (2018), orientada por Cavalcante, discute os processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas examinando como a (re)construção dos objetos de discurso se dá a partir dos aspectos socioculturais atrelados a figuras públicas e, conseqüentemente, seus nomes. A autora demonstra como os objetos de discurso evoluem a partir da recategorização por nomes próprios. Para exemplificar a proposta da autora, retomamos o exemplo da “croniqueta” quanto ao referente “Cavalcante” já introduzido no texto. O referente se recategoriza para “Cavalquinha”, o que Soares (2018) descreveu como uma amálgama entre nomes próprios. Como explica Cavalcante na crônica, trata-se de “uma mistura de Cavalcante com Moniquinha”. Percebe-se que o trocadilho evidencia construções sociais distintas. “Cavalcante” está para a referência acadêmica, já que é, de fato, o sobrenome de citação, enquanto “Moniquinha” se vale do diminutivo, atrelando um caráter afetivo, íntimo e informal. Esses aspectos, supomos, podem ser percebidos pelas imagens socioculturais que emergem no contexto da análise, bem como pelos estereótipos vinculados aos nomes próprios, como preconizou Soares (2018).

2.4 As redes referenciais

Como parte dos avanços empreendidos por Mônica Cavalcante ao conduzir e orientar pesquisas sobre processos referenciais, o conceito de redes referenciais é considerado um relevante redimensionamento sobre as pesquisas em referenciação. Como veremos nesta seção, os objetos de discurso não apenas são introduzidos e retomados, as introduções e as anáforas respectivamente, por diversas pistas advindas do contexto, mas se relacionam a partir de conexões múltiplas e multilíneas que são próprias de uma rede referencial.

Sob a orientação de Cavalcante, Janaica Matos desenvolveu o conceito de redes referenciais na tese *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas* (2018). Essa noção visou a suplantar uma análise dos referentes focada em critérios mais léxico-semânticos e gramaticais, como as cadeias coesivas propostas por Halliday e Hasan (1985 *apud* Cavalcante; Brito *et al.*, 2022) e as cadeias de nexos semanticamente semelhantes no texto, como proposto por Antunes (1996 *apud* Cavalcante; Brito *et al.*, 2022) – que se inspirou nas cadeias coesivas. Entre os propósitos de estudos que analisam cadeias coesivas, estava o de observar como expressões referenciais substituíram outras no texto, o que, segundo Cavalcante e Brito *et al.* (2022), ganhou destaque em manuais didáticos no que tange ao estudo da coesão textual, focando nas maneiras mais apropriadas de se fazer substituições dos referentes à medida que o texto progride.

Já as redes referenciais, segundo Matos (2018, p. 169), são “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos”. Essa noção opera uma mudança analítica de uma relação linear/sequencial (isto é, em cadeia) entre expressões referenciais para uma relação reticular (em rede), em que um objeto de discurso se relaciona a outros de maneira complexa. Essa complexidade tem sido explicada por avanços teóricos propostos por Cavalcante e membros do grupo Protexto orientados por ela, como na elaboração das noções de interação e de campo dêitico digital (Martins, 2024) e na assunção de pressupostos de abordagens teórico-metodológicas como a Semiologia, a Teoria da Argumentação no Discurso e a Análise do Discurso Digital.

Em vez de análises que se detêm “apenas” (entre aspas, porque esta não é uma tarefa simples) na descrição das expressões referenciais empregadas para manter um objeto de discurso e associá-las a funções desempenhadas no texto, uma análise em rede deve considerar, dentre vários elementos, o contexto de produção mais imediato, o contexto sócio-histórico e os papéis dos interlocutores nas interações, a finalidade argumentativa da interação em que acontece o texto e o gênero (Cavalcante; Brito 2022; Cavalcante, 2024). Considerar elementos dessa natureza contribui para o esforço empreendido por Cavalcante de analisar a singularidade do texto, considerado como evento comunicativo único e irrepetível. Isso se explica porque, embora uma palavra que materializa um referente no cotexto apareça em outros textos e seja reconhecida pelos interlocutores, ela não necessariamente coincide com os referentes construídos na interação, pois, em cada texto, há possibilidades de construções de sentidos *ad hoc*, bem como outras redes referenciais contribuem para sua progressão e sua continuidade (Cavalcante, 2022).

Assim, a análise das redes referenciais não pode se concentrar apenas em formas explicitamente mencionadas no cotexto, como as expressões referenciais. É preciso examinar também os referentes apenas sugeridos indiretamente por pistas textuais, por meio de inferências ou sistemas semióticos além do verbal, como a imagem estática, a imagem dinâmica, o gesto, a música, as cores, os elementos tecnolinguageiros etc. A noção de que os referentes se relacionam em rede veio para confirmar as práticas que Cavalcante já adotava nas pesquisas que empreendia e que orientava.

Como exemplo, tem-se a imagem a seguir, uma prévia de um vídeo na plataforma YouTube acessada por meio de um navegador em um notebook, conforme aparece nos resultados de pesquisa ao digitar as palavras “Mônica Magalhães Cavalcante”. Trata-se da aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal de 2024, proferida por Cavalcante e transmitida ao vivo em 19 de março deste ano (2024), pouco mais de duas semanas antes da passagem de Mônica:

Figura 3 – Prévia de vídeo do YouTube com palestra ao vivo de Mônica Cavalcante



Fonte: YouTube (2024). Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=monica+magalh%C3%AAs+cavalcante. Acesso em: 29 dez. 2024.

Nesse texto verbo-visual retirado do ecossistema YouTube, focalizando o referente “Mônica”, nota-se que ele é presentificado pela fotografia da professora Mônica na parte visual e pelas expressões referenciais “Profa. Mônica Magalhães Cavalcante” (no título do vídeo) e “professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante” (na descrição do vídeo). Caso o interlocutor entre em contato primeiro com a fotografia, então as expressões referenciais atuam como anáforas que retomam “Mônica”.

Na progressão do referente analisado em rede, não basta apenas listar as expressões referenciais anafóricas; é preciso levar em conta os efeitos de sentido que operam no texto, por exemplo, o de qualificar “Mônica” como professora doutora. No contexto dessa interação, uma aula inaugural de um programa de pós-graduação, exige-se, pelo gênero, que Mônica seja qualificada desse modo para que a escolha por ela seja validada, pois costuma-se eleger pesquisadores experientes para ministrar esse tipo de aula. Contribui para promover a expertise de Mônica também a associação em rede com os referentes “UFC” e “CNPq”, duas instituições de pesquisa nacional renomadas das quais a professora fazia parte; com o próprio referente “aula inaugural”, o motivo da realização dessa interação; e com o referente “argumentatividade no ambiente digital”, o tema da aula, que leva o interlocutor a aderir à imagem que se cria de Mônica de alguém capacitada para falar do assunto.

Vale ressaltar ainda as escolhas visuais feitas na fotografia que introduz o referente “Mônica”, considerando que tenha sido a introdução referencial. Trata-se de uma imagem que apresenta a feição de Mônica ao interlocutor que não a conhece e, mais do que isso, a instaura no texto como alguém sorridente, feliz. Contribuem para isso o sorriso de Mônica, a flor que a professora segura e a cor amarela, tanto de sua roupa, quanto da própria flor. Dessa maneira, o texto inaugura o referente “Mônica” como alguém alegre e o recategoriza como uma professora doutora qualificada para tratar do assunto da aula inaugural.

3 Sobre o que se tem dito na referenciação

Destacamos aqui alguns estudos feitos por Cavalcante e seus (para sempre) orientandos que se propuseram a continuar a pesquisa com referenciação, associando-a a outros fenômenos da

linguagem. Cavalcante, Brito e Martins (2024b) propõem um quadro enunciativo e metodológico de análise de textos contemplando não apenas a referenciação, mas outras categorias analíticas da linguística textual, como o circuito comunicativo, a intertextualidade, o tópico discursivo e a dimensão argumentativa do texto. Estudos como esse, além de continuarem a proposta da referenciação como critério central da Linguística Textual, também atentam para os novos modos de textualizar e construir sentidos, como em interações que possuem interação direta ou interveniência da máquina, como tem sido demonstrado em estudos de Martins (2024).

Retomando a questão da multimodalidade discutida na análise da Figura 3, a análise de processos referenciais que considera os vários elementos que efetivamente são mobilizados para negociar os sentidos do texto, como outros sistemas semióticos além do verbal, só é possível hoje devido ao esforço empreendido por pesquisadores como Cavalcante, que conduziu estudos que se dedicam a analisar a imbricação entre diferentes sistemas semióticos e processos referenciais. Entre esses estudos, destacamos o de Custódio Filho (2011), que, partindo de uma perspectiva sociocognitiva, propôs que fatores, além da presença explícita de sintagmas nominais, contribuem para a coconstrução dos referentes, como os elementos visuais; o de Cavalcante e Brito (2021), que propôs que as imagens podem evocar ou explicar os referentes no texto observando a metafunção representacional proposta por Kress e Van Leeuwen (2021) na sua Gramática do Design Visual; e os de Nascimento (2014), Teixeira (2016), Sales (2017) e Almeida (2023), que uniram os pressupostos da linguística textual aos da semiótica social (Kress; Van Leeuwen, 2021) para analisar a relação entre referenciação e multimodalidade.

Lidando mais especificamente com interações digitais numa perspectiva tecnodiscursiva, Martins (2024) demonstrou como aspectos multissemióticos como o gesto, a cor e o som, associados aos gestos tecnolinguageiros, podem fomentar tanto interações entre humanos quanto entre humanos e máquinas. Já Almeida (2023) propôs uma articulação entre referenciação, multimodalidade e argumentação, analisando como argumentos verbo-visuais foram construídos em textos da rede social X, considerando elementos desse ambiente digital, como links, *hashtags* e menções. Cabe citar ainda o trabalho de Fernandes (2024), que analisou, por meio das redes referenciais, interações de impolidez/violência linguageira na rede social X, observando que, por exemplo, o modo como o algoritmo dessa rede opera, visando a manter o usuário mais tempo em frente à tela, favorece o emprego da impolidez para entretenimento.

Pode-se citar também estudos que estão sendo produzidos, que foram orientados em vida por Cavalcante e seguem inspirados por ela, como a tese de Soares (2025), que propõe uma análise de evidências textuais da manipulação observando como os objetos de discurso formam redes referenciais em textos desinformativos. A doutoranda defende que os objetos de discurso são enviesados pelos interlocutores para forjar ou falsear determinadas trilhas de sentido criando novos contextos a serviço da desinformação.

Já Oliveira (2025), em sua tese em andamento, discute a visada argumentativa, compreendendo-a como uma caracterização distintiva no seio da dimensão argumentativa, que atravessa todos os textos. A trama da visada é desvendada pelo pesquisador a partir das redes referenciais que se constroem em cada texto, as quais revelam, na maior parte das vezes de modo inferencial, uma célula argumentativa central, a partir da qual se chega ao ponto de vista central, ou tese, do texto de visada argumentativa.

Considerações finais - o que ainda há a dizer

Neste artigo-homenagem, propusemos destacar alguns tópicos relacionados ao fenômeno da referenciação que, de maneira geral, marcam bem as contribuições de Mônica Cavalcante aos

estudos do texto e que, de modo específico, mostram o destaque que tem sido dado a esse fenômeno, que é também uma categoria de análise. Mônica, que iniciou seus estudos na linguística textual tratando de dêixis discursiva e de referenciação, buscou, em pesquisas recentes (2022, 2024), ressaltar o caráter central desse fenômeno que é, segundo ela, a mais profícua das categorias de análise dos estudos textuais, pois se relaciona às outras, já que é por meio dos objetos de discurso que os sujeitos (re)elaboram a realidade e negociam sentidos.

Além desse aspecto da centralidade da referenciação, Mônica e o grupo Protexto contribuíram com o redimensionamento e a redefinição das funções e dos papéis que exercem os processos referenciais de introdução, anáfora e dêixis. Hoje, quem adota os pressupostos de Mônica considera que a recategorização é inerente a todas as anáforas e que a dêixis não se opõe à introdução e à anáfora pelos mesmos critérios, mas pode se sobrepor a ambas. Além disso, destacamos a noção de redes referenciais – que suplantou o conceito de cadeias – como um avanço significativo nas pesquisas em linguística textual, pois confirmou o caráter múltiplo, dinâmico, interacional e multissemiótico da referenciação.

Sugerimos que pesquisas que desejem contribuir com os estudos do texto e da referenciação, como acreditamos que era o desejo de Mônica, se baseiem no já citado quadro enunciativo e metodológico de análise de textos proposto por Cavalcante, Brito e Martins (2024b). Em relação ao desenvolvimento dos estudos de referenciação, destacamos que promissores são os estudos que decidam tratar das interações em ambientes digitais, investigando o texto na interação humano-máquina e outros aspectos do campo dêitico digital e do que Martins (2024, p. 56) propôs como camadas enunciativas, ou seja, “a possibilidade de interações múltiplas coocorrerem no mesmo acontecimento textual, com especial atenção para o contexto digital”. Além disso, ainda há aspectos da relação entre referenciação e argumentação que devem ser explorados, como as já citadas teses de Oliveira (2025) e Soares (2025), ou a partir da argumentação multimodal, com o trabalho de Almeida (2023).

Por fim, gostaríamos de enfatizar que, enquanto houver texto e novas formas de textualidade surgindo, com novos modos de interação, haverá ainda muito o que dizer sobre a referenciação, e esperamos que estudos futuros possam continuar e honrar as contribuições que Mônica Magalhães Cavalcante, professora feliz e dedicada, nos deixou de presente.

Referências

ALMEIDA, Eduardo Carvalho de. *Argumentação e multimodalidade: análise dos processos referenciais em textos da rede social X*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75599>. Acesso em: 15 out. 2025.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8892>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Referenciação. In: FLORES, Valdir do Nascimento; AZEVEDO, Tânia Maris (org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BIASI-RODRIGUES, Bernadete.; CIULLA, Alena (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. *SEDA - Revista de Letras da Rural-RJ*, v. 5, n. 12, p. 55-71, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.revistaseda.org/index.php/seda/article/view/154>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Zilda; SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves (org.). *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. E-book. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 119-133. Disponível em: <https://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; MARTINS, Mayara Arruda. O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 68–85, 2024a. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v37i1p68-85. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213925>. Acesso em: 13 out. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; MARTINS, Mayara Arruda. Quadro enunciativo em tecnotextos de diferentes tipos de interação digital. In: MARQUESI, Sueli Cristina. *Texto e metodologias ativas – interfaces na pesquisa e no ensino*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2024b. p. 93-116.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MARTINS, Mayara Arruda Referenciação: em síntese. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. *Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 2, p. 237-272. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/linguistica-geral-2>. Acesso em: 13 out. 2025.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CIULLA, Alena. *A referência anafórica e dêitica* – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3615>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8896>. Acesso em: 29 dez. 2024.

FERNANDES, Jessica Oliveira. *A construção do sentido impolido em comentários do Twitter/X a partir de redes referenciais*. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/78242/1/2024_tese_jofernandes.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the Grammar of Visual Design*. 3rd. ed. London: Routledge, 2021.

MARTINS, Mayara Arruda. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital* – análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76875>. Acesso em: 13 out. 2025.

MARTINS, Mayara Arruda. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42634>. Acesso em: 13 out. 2025.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35419>. Acesso em: 27 set. 2024.

NASCIMENTO, Suelene Silva Oliveira. *A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9504/1/2014_dis_ssonascimento.pdf. Acesso em: 29 dez. 2024.

OLIVEIRA, Rafael Lima de. *A visada argumentativa dos textos: variações e regularidades nos modos de argumentar*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/82497>. Acesso em: 16 out. 2025.

OLIVEIRA, Rafael Lima. *Uma análise textual do pathos em polêmicas*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51379>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SOARES, Maiara Sousa. *Processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza (CE), 2018.

SOARES, Maiara Sousa. *Textos digitais e manipulação – a construção dos sentidos em narrativas desinformativas*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2025.

TEIXEIRA, Jeannie Fontes. *Estratégias de referência em infográficos: contribuições da imagem para a progressão textual*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22099>. Acesso em: 29 dez. 2024.

Submetido em 21/01/2025

Aceito em 28/10/2025